

SOPHIE MCKENZIE

GA ROTA DE SAPARECIDA

Tradução
Maurício Tamboni

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2016



VERUS
EDITORA

Editora Executiva

Raíssa Castro

Coordenação editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Maria Lúcia A. Maier

Revisão

Cleide Salme

Capa e projeto gráfico

André S. Tavares da Silva

Foto da capa

BestPhotoStudio/Shutterstock (rosto)

Diagramação

Daiane Cristina Avelino Silva

Título original*Girl, Missing*

ISBN: 978-85-7686-417-2

Copyright © Rosefire Ltd, 2006

Todos os direitos reservados.

Tradução © Verus Editora, 2016

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

M429g

Mckenzie, Sophie

Garota desaparecida / Sophie McKenzie ; tradução Mauricio

Tamboni. - 1. ed. - Campinas, SP : Verus, 2016.

23 cm.

Tradução de: Girl, Missing

ISBN 978-85-7686-417-2

1. Romance inglês. I. Tamboni, Mauricio. II. Título.

16-35019

CDD: 823

CDU: 821.111-3

PARTE 1

PROCURANDO
MARTHA

1

Quem sou eu?

Quem sou eu?

Eu me sentei diante do computador no escritório de minha mãe e olhei para o título da redação. Os professores novos sempre passam tarefas desse tipo no começo do ano.

Quem sou eu?

Quando eu era mais nova, era fácil. Bastava escrever coisas óbvias, como: “Sou Lauren Matthews. Tenho cabelos castanhos e olhos azuis”.

Agora, porém, temos que escrever sobre nossos interesses. Sobre aquilo de que gostamos e não gostamos. Sobre quem somos “por dentro”.

Preciso de uma pausa.

Envio uma mensagem ao meu amigo Jam.

Como anda essa besteira de “quem sou eu”?

Um minuto depois, ele responde:

Sentimos informá-la que James “Jam” Caldwell morreu de tédio esta noite, enquanto fazia sua lição de casa.

Gargalho bem alto. James sempre me anima. Algumas garotas da minha classe me provocam por causa dele. Dizem que é meu namo-

rado. O que é a coisa mais idiota do mundo. Jam e eu somos amigos desde o ensino fundamental.

Quem sou eu?

Apoio a cabeça nas mãos.

Como alguém pode definir quem é se não sabe de onde veio?

E eu não tenho a menor ideia de onde eu vim.

Fui adotada quando tinha três anos.

* * *

Um minuto depois, minha mãe me chamou no andar de baixo.

— Lauren, o chá está pronto.

Corri até lá, contente por me livrar da redação.

Mas não foi por muito tempo.

— Como está indo com a tarefa? — ela perguntou, espetando alguma coisa na frigideira.

— Humm — murmurei.

— Pelo amor de Deus, Lauren — ela suspirou. — Por que você não fala direito?

Olhei para ela. A mesma velha mãe de sempre. Baixinha. Ossuda. Lábios finos.

Não me pareço em nada com ela.

Respondi de forma muito clara e lenta:

— Quem é minha verdadeira mãe?

Ela congelou. Por um instante, pareceu aterrorizada. Então seu rosto se tornou duro como uma máscara. Sem nenhuma emoção.

— Sou eu — ela respondeu. — O que você quer dizer com isso?

— Nada. — Desviei o olhar, desejando não ter dito nada.

Minha mãe se sentou, ainda segurando a frigideira.

— Pensei que você não se importasse com isso — veio a resposta.

Revirei os olhos.

— Não me importo.

Ela colocou ovos mexidos no meu prato.

— De qualquer modo, não posso contar. Foi uma adoção sigilosa, o que significa que nenhum dos lados sabe nada a respeito do outro.

— Ela se levantou, voltou a frigideira para o fogão e virou novamente para mim, agora com o rosto muito ansioso. — Alguém comentou alguma coisa na escola?

— Não.

Eu me inclinei sobre os ovos. É claro que minha mãe pensou que alguém estava colocando ideias na minha cabeça. Seria demais para ela imaginar que eu começasse a pensar sobre isso sozinha.

— O que tem para comer? — gritou Rory do jardim. Suas bochechas redondas estavam vermelhas por causa do frio. Ele tem oito anos e é uma cópia perfeita do meu pai. Minha mãe o chama de “meu pequeno milagre de profeta”. Só posso dizer que muitas coisas desagradáveis crescem em profetas.

Rory parou, derrapando ao lado da mesa antes de fazer uma careta.

— Ovo mexido fede.

— Não tanto quanto você — rebati.

Ele me cutucou com o garfo.

— Ei! Mãe, ele tá me batendo.

Nossa mãe nos encarou.

— Rory, senta.

Às vezes me pergunto se ela pensa que ele é um cachorro. Uma vez eu a ouvi dizer para uma amiga: “Os meninos são como animaizinhos de estimação. Só precisam de carinho e ar puro. As meninas dão muito mais trabalho”.

Então por que ela me escolheu — uma garota? Lembro-me de todas as vezes quando era criança e minha mãe falava sobre o fato de eu ser adotada e como me escolheram em uma espécie de catálogo. Aquilo costumava me fazer sentir especial. Desejada. Agora me faz sentir

mais como um vestido que chegou pelo correio. Um vestido que não serviu, mas que daria trabalho demais devolver.

— O Jam pode vir aqui mais tarde? — perguntei.

— Quando você terminar a lição de casa, e se não for muito tarde — veio a resposta previsível de minha mãe.

— Esses ovos parecem o seu vômito — falou Rory.

Às vezes eu o odeio. Muito, muito mesmo.

* * *

Assim que cheguei novamente ao andar de cima, enviei uma mensagem para Jam:

A gnt se vê + tarde?

Sua resposta chegou em poucos segundos:

Chego aí às 7.

Dei uma olhada no canto da tela do computador. Seis e quinze. Eu jamais conseguiria terminar a redação em quarenta e cinco minutos.

Quem sou eu?

Adotada. Perdida. Digitei essas palavras na caixa de texto de um site de buscas.

Nos últimos tempos, tenho pensado muito nisso. Na semana passada, cheguei até a dar uma olhada em alguns sites com informações sobre adoções. Você daria risada se me visse: coração acelerado, mãos suando, nó no estômago.

Quer dizer, é claro que não existe um site que diga: “Lauren Matthews — clique aqui para detalhes da adoção”.

Mas, enfim, sabe o que descobri?

Que, se eu quisesse saber qualquer coisa a respeito da minha vida antes dos três anos, precisaria da permissão do meu pai e da minha mãe.

Não é inacreditável?

Minha vida. Minha identidade. Meu passado.

Mas a decisão é deles.

Mesmo que eu pedisse, de forma alguma minha mãe concordaria. Bem, você já viu como ela reage quando toco no assunto. Fecha a cara.

Ela bem que merecia que eu seguisse em frente e continuasse procurando.

Cliquei no ícone de busca.

Adotada. Perdida. Quase um milhão de resultados.

Meu coração acelerou. Pude sentir meu estômago se apertando outra vez.

Ajeitei o corpo na cadeira. Já chega.

Eu só estava desperdiçando tempo. Fugindo da lição de casa. Estendi a mão para fechar a pesquisa. E foi então que vi o que estava bem à minha frente: *MissingChildren.com*. Um site internacional sobre crianças perdidas ou desaparecidas. Franzi a testa. Quer dizer, como alguém perde uma criança e ela não aparece? Entendo como alguém pode perder uma criança por cinco minutos. Ou até uma hora. E sei que algumas desaparecem porque foram assassinadas por algum psicopata. Mas minha mãe diz que isso só acontece uma ou duas vezes por ano.

Cliquei para entrar na página. Que mostrava um monte de rostos piscando. Cada um do tamanho de um selo, que se transformava em outro rosto em poucos segundos.

Fiquei boquiaberta. Todos aqueles rostos eram de crianças desaparecidas? Vi um campo de busca. Hesitei. Em seguida, digitei meu nome. Lauren. Nem me dei conta do que estava fazendo. Só estava curiosa — para ver quantas Laurens estavam perdidas por aí.

O resultado foi que havia cento e setenta e duas. Meu Deus! O computador piscou, dizendo para eu refinar a busca.

Parte de mim queria parar, mas eu disse a mim mesma para não ser boba. Os rostos piscando na tela não eram de crianças adotadas e

sem passado como eu. Eram de desaparecidas. Crianças com *apenas* um passado.

Eu só queria ver quem estava ali.

Coloquei meu mês de nascimento nos critérios de seleção da busca, então três Laurens apareceram na tela. Uma delas era negra e tinha desaparecido com duas semanas de vida.

A outra era branca com cabelos loiros — parecia ter nove ou dez anos. Sim — desaparecida havia apenas cinco anos.

Olhei para a terceira criança.

Martha Lauren Purditt

Caso: perdida, ferida, desaparecida

Data de nascimento: 12 de março

Idade atual: 14 anos

Local de nascimento: Evanport, Connecticut, Estados Unidos

Cabelos: castanhos

Olhos: azuis

Olhei para o rosto acima das palavras. Era a face redonda e sorridente de uma garotinha. E em seguida a data de seu desaparecimento: 8 de setembro.

Menos de um mês antes de eu ser adotada.

Meu coração parou.

A data de nascimento tinha alguns dias de diferença. E eu era inglesa, não americana como a garota desaparecida.

Então não era possível.

Ou era?

A pergunta agiu feito droga e ficou girando na minha mente, virando meu mundo de cabeça para baixo e do avesso, até tomar conta de mim.

Eu poderia ser ela?

2

Contando ao Jam

Encarei a garotinha na tela, buscando em seu rosto sinais semelhantes entre nós.

— Lauren, o Jam está aqui. — O grito de minha mãe me fez dar um salto.

Meu coração disparou conforme os passos do meu amigo ecoavam pelas escadas. Estendi o braço e minimizei a tela. Corri para a porta enquanto Jam chegava.

— Oi, Laurenzo. — Jam sorriu. Seus cabelos negros estavam penteados com gel e ele cheirava a sabonete. — Terminou a lição de casa?

— Sim... Humm... Na verdade, não. — Eu mal conseguia ouvir o que ele estava dizendo. — Preciso pegar uma coisa lá embaixo.

Jam franziu o cenho, mas me seguiu até a sala de estar. Minha mãe estava sentada no sofá, assistindo ao noticiário na TV.

— Mãe, onde estão nossos álbuns de fotos?

Ela me encarou.

— No canto do armário — respondeu, apontando para um par de portas de madeira no canto da sala. — Por que o interesse repentino?

Corri na direção do armário e comecei a puxar os álbuns para dar uma olhada nas páginas.

— Onde estão as minhas fotos mais antigas? — perguntei.

Silêncio.

Ergui o olhar. Minha mãe e Jam me encaravam como se eu estivesse louca.

— O que está acontecendo, querida? — A voz dela soou tensa. Abaixei o álbum que estava segurando.

— É para aquela redação, “Quem sou eu?” — falei lentamente. — Eu já terminei, mas achei que seria legal colocar uma foto de quando eu era mais nova, ao lado de uma imagem recente. Só estou com pressa porque o Jam está aqui.

O rosto de minha mãe relaxou.

— É uma boa ideia — ela elogiou. — Embora eu tenha dito para você terminar tudo *antes* que ele chegasse. Procure naquele álbum verde ali no canto.

Puxei o álbum e abri na primeira página. Ali estava eu. Com um rostinho sério. Cabelos castanhos em corte chanel. Mostrei para minha mãe.

— Quando esta foto foi tirada? — perguntei, tentando soar tranquila.

— Logo depois que trouxemos você para casa — ela respondeu. — Na época do Natal.

Era a melhor foto que eu conseguiria.

— Posso levar?

— Claro — respondeu minha mãe. — Mas traga de volta depois. — Ela sorriu. — Essas fotos são preciosas.

Levantei.

— Volto em um minuto. — Deslizei o olhar de minha mãe para Jam, que me encarava, desconfiado. — Só vou escanear.

Então corri de volta para o escritório da minha mãe e abri a janela do site MissingChildren.com. Segurei a foto ao lado da de Martha Lauren Purditt na tela, esperando que isso me levasse a um resultado ou a outro.

O que não aconteceu.

Martha Lauren era gorducha, tinha covinhas e estava rindo.

Na foto do álbum de minha mãe, meu rosto era mais magro e eu não estava sorrindo.

Mesmo assim, havia alguns pontos em comum: o desenho dos olhos, o sulco sob os lábios. Aquela poderia ser eu. Tudo, quase tudo, se encaixava.

Eu me senti em um daqueles brinquedos de parques de diversões que nos fazem girar em tantas direções ao mesmo tempo que nem conseguimos saber que lado é para cima.

Se aquela *fosse* eu, então eu não era quem pensava ser. Eu tinha outro nome. Outra nacionalidade. E até outro aniversário. Nada do que tinha acontecido na minha vida era certo.

— O que você está fazendo? — Jam estava me encarando do bafente, com uma enorme confusão estampada no rosto.

— Nada. — Minimizei rapidamente a tela.

Eu estava sendo ridícula. Aquilo tudo era bizarro demais. Jam daria risada de mim se eu lhe contasse o que estava acontecendo — ele me diria para voltar ao Planeta do Ego ou algo do gênero. Mesmo assim, eu queria mostrar para ele. Queria saber o que ele achava.

— Não faz isso. — Seus olhos se estreitaram. — Desde que eu cheguei, você está surtando. Toda essa baboseira de álbuns. Você só queria que eu ficasse longe do escritório.

— Não, não é verdade, Jam. — Tentei sorrir. — Foi só uma coisa... esquisita... — continuei.

Ele se aproximou do computador.

— Que coisa esquisita é essa? — Sorriu, mas o gesto não combinava com o olhar. — Tipo, algum cara estranho te convidou para sair? O que você respondeu?

— O quê? Não. Credo. Não mesmo. — Do que o Jam estava falando? Ele sabia que, tipo, eu não tinha o menor interesse em sair com garotos nem nada assim.

— Então por que...? — Seus olhos focaram a aba minimizada na parte inferior da tela. — Por que você está vendo um site de crianças desaparecidas?

— Promete que não vai rir?

Ele assentiu com a cabeça, e cliquei na aba minimizada. Martha Lauren Purditt apareceu na tela. Jam deslizou o olhar da imagem dela para a minha fotografia na mesa, ao lado do computador.

E franziu a testa.

— O quê? — Arregalou os olhos. — Você não está pensando que ela é você, está?

Desviei o olhar, sentindo as bochechas queimarem.

— Não sei — sussurrei.

Ergui os olhos. Jam já estava clicando no link “fotografias com progressão de idade”.

— Espera — gritei.

Mas era tarde demais. Uma nova foto surgiu na tela, mostrando a suposta aparência de Martha Lauren Purditt nos dias atuais. Eu não queria olhar para a imagem, mas, ainda assim, não consegui me conter.

Era eu. Mas, ao mesmo tempo, não era. O rosto era longo demais, e o nariz, bonito e empinadinho demais.

— Humm — murmurou Jam. — É difícil saber, né? Quer dizer, ela se parece um pouco com você, mas...

Meu coração batia rápido. Certo, então ele tinha tanta certeza quanto eu. Mas pelo menos não estava rindo de mim.

Eu não sabia se me sentia aliviada ou decepcionada.

Sem olhar para mim, Jam voltou para a primeira foto e pressionou o botão imprimir.

Quando a impressora finalmente soltou a folha, ele segurou a imagem e me mostrou.

— É como um desses pôsteres de crianças desaparecidas — disse. — E olha só... Tem um número de telefone aqui embaixo. Talvez você devesse ligar e...

— Não. De jeito nenhum. — Dei um pulo e puxei a folha da mão dele. As coisas estavam indo rápido demais, e Jam estava sendo práti-

co demais. Muito racional com relação a tudo. — Preciso de tempo para pensar — expliquei.

— Relaxa, cabeça — Ele revirou os olhos, como faz quando a mãe e as irmãs gritam umas com as outras. — Eu só estava tentando ajudar. Você não quer descobrir se é mesmo você?

— Talvez. — Dei de ombros. A verdade era que eu não sabia. Não sabia de mais nada.

— Acho que sua mãe e seu pai podem te dizer.

Jam inclinou a cabeça para o lado e analisou a foto.

— Não vou mostrar para eles — arfei.

— É. Talvez não seja mesmo uma boa ideia.

— Como assim?

— Bem — Jam hesitou. — Se essa tal Martha Lauren for você, como acha que as coisas aconteceram? Quer dizer, quando você tinha três anos, como saiu dos Estados Unidos em setembro para estar em Londres perto do Natal?

Balancei a cabeça. Claro que Jam ia fazer todas as perguntas práticas. Já eu não conseguia nem começar a assimilar a ideia de que talvez fosse uma pessoa completamente diferente.

— Pensa nisso, cabeça — ele disse, abrindo um leve sorriso. — Crianças não desaparecem sem motivo. Você deve ter sido roubada.

— O que isso tem a ver com meus pais? — perguntei.

Jam respirou profundamente.

— Acho que você tem que considerar a possibilidade de os seus pais estarem envolvidos de alguma forma.